

---

## **ANEXO 7**

### **Médios e Grandes Mamíferos**

---

## 1. Lista de espécies

Tabela 1: Resultado da AER realizada na Estação Ecológica de Xitué, complementadas com as informações obtidas nas trilhas para as estações Xi 1 e Pei 11, no segundo semestre de 2010, incluindo as trilhas onde as espécies foram registradas e as formas de registro de cada uma. O total de espécies por sítio inclui as identificações precisas (entre parênteses) e todos os *taxa* registrados para cada sítio, e a categoria de conservação das espécies no estado (São Paulo, 2010), no Brasil (MMA, 2003) e no mundo (IUCN, 2010).

	Xitué	Rio das Almas	Trilha para Xi 1	Trilha para Pei 11	SP	BR	IUCN
<i>Didelphis aurita</i>							LC
<i>Philander frenata</i>				af			LC
<i>Dasyrodidae</i> sp.	fo						
<i>Alouatta clamitans</i>	vo	vo			NT		LC
<i>Cebus nigritus</i>	fo, vi	fo, vi	fo	fo	NT		NT
<i>Brachyteles arachnoides</i>			vi		EN	EN	EN
<i>Panthera onca</i>			pe		CR	VU	NT
<i>Puma concolor</i>	ar?		pe		VU	VU	NT
<i>Leopardus pardalis</i>			pe, af		VU	VU	LC
<i>Leopardus wiedii</i>			af	af	EN	VU	NT
<i>Eira barbara</i>				af			LC
<i>Nasua nasua</i>	fo						LC
<i>Tapirus terrestris</i>	pe, fe	pe, fe	pe, af	pe	VU		VU
<i>Mazama</i> sp.		pe		pe			
<i>Mazama bororo</i> <sup>1</sup>			af		VU		VU
<i>Pecari tajacu</i>		fo		af	NT		LC
Rodentia sp.				af			

Legenda: vi = visual, vo = vocalização, pe = pegadas, fe = fezes, fo = indícios ou restos de forrageamento (por exemplo, buracos abertos no chão, frutos mordidos), ar = arranhão no chão, af = captura na armadilha fotográfica.

<sup>1</sup> É difícil diferenciar espécies de veados pelos rastros e distinguir *Mazama americana* de *Mazama bororo* em fotos; entretanto, A. Vogliotti e J.M.D.Barbanti (com.pess.) encontraram apenas *M. bororo* no PEI.

---

## 2. Registro fotográfico

Grande parte das novas trilhas percorre matas livres da influência do taquaruçu, com presença de árvores gigantes, sub-bosque aberto e espécies indicadoras do bom estado de conservação da mata



Figura 2. Árvore gigante ao lado da Estação Xi 1.



Figura 3. Sub-bosque aberto e espécies indicadoras (*Geonoma* sp. ) na trilha para a estação Xi 1.





Figura 4. Pegada de *Panthera onca* na trilha para a estação Xi 1.



Figura 5. *Leopardus pardalis* na estação Xi 1.





Figura 6. *Leopardus wiedii* na estação PEI 11.



Figura 7. *Eira barbara* na estação Xi 1.





Figura 8. *Mazama bororo* na estação Xi 1.



Figura 9. *Pecari tajacu* na estação Xi 1.

---

### 3. Lista Comentada Mamíferos Grande e Médios

Créditos Técnicos

#### **Coordenação da Avaliação Ecológica Rápida**

Kátia Pisciotto

#### **Equipe - Médios e Grandes Mamíferos**

Beatriz de Mello Beisiegel

Rafael da Silveira Bueno

#### **I. Espécies de interesse especial para a conservação**

Espécies ameaçadas de extinção e endêmicas

*Tamandua tetradactyla* - O tamanduá-mirim ocorre na América do Sul a leste dos Andes, da Venezuela e Trinidad ao norte da Argentina e Sul do Brasil (Nowak, 1991). A espécie é considerada provavelmente ameaçada no Estado de São Paulo, o que significa que existem fortes suspeitas que sua situação merece maiores atenções conservacionistas, mas não foi possível determinar seu status preciso com base em parâmetros de distribuição geográfica, alterações no habitat onde a espécie ocorre, resposta da espécie a alterações ambientais, tamanho e variação populacional.

*Brachyteles arachnoides* - Atualmente o muriqui ocorre entre o Paraná e o Rio de Janeiro (Miretzki, 2005). Embora o Estado de São Paulo seja um potencial reservatório para as populações de muriqui por apresentar grandes áreas de mata contínua e relativamente bem preservada (Strier e Fonseca, 1997), a espécie é considerada criticamente ameaçada no Estado, o que significa que sofre um alto risco de extinção em um futuro muito próximo, devido a profundas alterações ambientais, ou a uma alta redução populacional ou ainda a uma grande diminuição de sua área de distribuição em um intervalo pequeno de tempo (dez anos ou três gerações). A espécie é também considerada em perigo pelo IBAMA e pela UICN, pelo critério EN C2a(i), devido ao tamanho da população ser estimado em menos de 2500 indivíduos adultos, haver um declínio contínuo, observado, projetado ou inferido, no número de indivíduos adultos, e se estimar que nenhuma sub-população contém mais de 250 indivíduos adultos.

As populações remanescentes desta espécie precisam ser contempladas em estratégias de conservação. A maior parte dos muriquis do sul (87,5%) habita as florestas do sistema de unidades de conservação de São Paulo. Este sistema contempla os remanescentes do habitat incluindo áreas contínuas e fragmentadas. A maior população conhecida sobrevive no PECB. O muriqui é uma espécie de grande potencial para a conservação da Floresta Atlântica, através do desenvolvimento do conceito de espécie bandeira surgido no final de 1980. Além de sua natureza carismática e sistema social particular, esta espécie é endêmica da Floresta Atlântica e o maior mamífero endêmico do Brasil. O gênero *Brachyteles*, no passado, era abundante na Mata Atlântica (Aguirre, 1971). Porém, o crescente desmatamento restringiu a área de ocorrência dos muriquis, e somado à sobrecaça, reduziu as populações, colocando o gênero na lista global de prioridades para a conservação da biodiversidade (Mitttermeier et al., 1987).

*Alouatta clamitans* - Esta espécie ocorre da Província de Misiones, na Argentina, ao Sul e Sudeste do Brasil, ao longo de toda a vertente Atlântica até os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais (Gregorin, 2006). É endêmica da Mata Atlântica e considerada vulnerável no Estado de São Paulo, o que significa que a espécie corre um alto risco de extinção a médio prazo; esta situação é decorrente



---

de alterações ambientais preocupantes, de significativa redução populacional ou de diminuição da área de distribuição da espécie em um intervalo pequeno de tempo (dez anos ou três gerações). A espécie também é considerada quase ameaçada (NT) pela UICN, o que significa que a espécie foi avaliada não se insere, atualmente, nas categorias criticamente ameaçada (CE), ameaçada (EN) ou vulnerável (VU), mas ou está perto de se inserir ou tem probabilidade de se inserir em uma das categorias em um futuro próximo.

*Cebus nigrinus* - O macaco-prego ocorre da província de Misiones, na Argentina, ao sul da Bahia, ocupando metade do Rio Grande do Sul e os Estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais (Fragaszi et al., 2004). É endêmico da Mata Atlântica, generalista e pouco exigente quanto a fisionomias vegetais.

*Speothos venaticus* - O cachorro-vinagre ocorre do Panamá ao Sul do Brasil, Paraguai e norte da Argentina, Bolívia, Peru e Equador (Cabot et al., 1986; Cabrera e Yepes, 1940; Linares, 1967; Yahnke et al., 1998). A espécie está criticamente ameaçada de extinção no Estado de São Paulo e é considerada vulnerável à extinção no Brasil, ou seja, enfrenta um alto risco de extinção na natureza. A UICN também a considera vulnerável, pelos critérios C2a(i), ou seja, o tamanho da população é estimado em menos de 10000 indivíduos adultos e um declínio contínuo no número de indivíduos adultos tem sido observado, projetado ou inferido, estimando-se que nenhuma das populações contenha mais de 1000 indivíduos adultos.

*Procyon cancrivorus* - O guaxinim é amplamente distribuído, da América Central ao centro norte da Argentina (Eisenberg, 1989). É considerado provavelmente ameaçado de extinção no Estado de São Paulo, apesar de ocorrer em ambientes muito degradados, como os manguezais da Baixada Santista (Novaes, 2002).

*Lontra longicaudis* - A lontra ocorre do noroeste do México ao Uruguai, Paraguai e norte da Argentina, ocupando a maior parte do Brasil, com exceção de parte do Nordeste (Larivière, 1999). Está incluída entre as espécies ameaçadas no Estado de São Paulo, na categoria vulnerável, e a UICN a inclui entre as espécies para as quais não há dados suficientes para determinar o grau de ameaça de extinção (DD). A preferência da lontra por águas límpidas é um dos fatores que a tornam vulnerável à extinção. Neste sentido, a manutenção da qualidade dos cursos de água do PCB e da EECX é a ação mais indicada para a proteção da população de lontras nestas UCs, e os fatores que causam turvamento atípico da água, como ocorreu no Ribeirão Temível durante a AER, devem ser investigados e revertidos.

*Panthera onca* - A distribuição geográfica atual da onça-pintada é do norte do México ao extremo noroeste da América do Sul (Colômbia e Equador), Peru e Bolívia a leste dos Andes, Paraguai, sul do Brasil e norte da Argentina, mas a espécie ocorria até o sul dos Estados Unidos (Texas, Arizona, Novo México e Califórnia) e mais ao sul da área atualmente ocupada, na Argentina e Uruguai. A espécie está criticamente ameaçada de extinção no Estado de São Paulo, onde apenas a região do Vale do Ribeira e Alto Paranapanema e a Serra do Mar abrigam populações remanescentes (Oliveira, 1994).

Oliveira (1994) estimou a área necessária para suportar populações de onças-pintadas viáveis a longo prazo em uma média de 21186 km<sup>2</sup> para uma população efetivamente reprodutiva de 500 adultos. Segundo este autor, na América do Sul apenas três parques, todos na região amazônica, poderiam manter populações viáveis de onça-pintada e onça preta, se considerados isoladamente: os Parques Nacionais do Pico da Neblina/Serrania La Neblina (Brasil/Venezuela), com 35600 km<sup>2</sup>, Parque Nacional Canaima (Venezuela), com 33000 km<sup>2</sup> e o Parque Nacional do Jaú (Brasil), com 22720 km<sup>2</sup>. Assim, medidas para assegurar a sobrevivência desta espécie na Mata Atlântica a longo prazo devem incluir não apenas a proteção dos remanescentes de mata, mas o estabelecimento de corredores entre eles.

*Puma concolor* - Atualmente, as onças-pardas ocorrem do Canadá (Columbia Britânica) ao extremo sul da América do Sul, através do oeste dos Estados Unidos, cobrindo aproximadamente 100° de latitude. Uma pequena população ocorre na Flórida (Oliveira, 1994). A espécie é considerada vulnerável no Estado de São Paulo e no Brasil e quase ameaçada pela UICN. A área necessária para assegurar a sobrevivência de uma população viável de onças-pardas, a longo prazo, é de 31250 km<sup>2</sup>.

---

para uma população efetivamente reprodutiva de 500 adultos (Oliveira, 1994); assim, as medidas de proteção a longo prazo sugeridas para as onças-pintadas devem atender a ambas as espécies.

*Herpailurus yagouaroundi* - A distribuição geográfica do gato-mourisco se estende do Texas à Argentina, cobrindo parte do México, toda a América Central e a maior parte da América do Sul, com exceção do Chile e do Uruguai (Oliveira, 1994). A espécie é considerada provavelmente ameaçada de extinção no Estado de São Paulo e a área média necessária para assegurar a sobrevivência de uma população da espécie, a longo prazo, é de 3521 km<sup>2</sup> (Oliveira, 1994). Novamente, como para as onças parda e pintada, as áreas das UCs do Vale do Ribeira e do Alto Paranapanema, somadas, não são suficientes para a sobrevivência a longo prazo desta espécie; medidas envolvendo o planejamento de corredores ecológicos entre as UCs, a proteção da espécie no entorno das mesmas e o planejamento da conservação em uma escala regional devem ser tomadas.

*Leopardus pardalis* - A distribuição geográfica atual desta espécie é muito semelhante à do gato-mourisco; a espécie já ocorreu nos Estados do Arizona e Arkansas, nos Estados Unidos (Oliveira, 1994). É considerada vulnerável no Estado de São Paulo e no Brasil e Oliveira (1994) estimou que a área média necessária para a manutenção de uma população viável a longo prazo é de 2332 km<sup>2</sup>. Assim, as considerações a respeito da conservação das três espécies acima se aplicam também à conservação da jaguatirica.

*Leopardus tigrinus*. Os gatos-do-mato ocorrem da Costa Rica ao Paraguai e norte da Argentina, através da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Guianas e Brasil. Sua ocorrência pode ser esparsa em toda esta área (Oliveira, 1994). São considerados vulneráveis no Estado de São Paulo e no Brasil e quase ameaçados pela UICN. Entretanto, parecem estar entre os felinos mais tolerantes a ambientes antropizados, tendo sido encontrados nas áreas metropolitanas de São Paulo e Porto Alegre (Oliveira, 1994).

*Leopardus wiedii* - A área de distribuição do gato-maracajá se estende do México ao norte da Argentina e noroeste do Uruguai, incluindo toda a América Central, partes do Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela, as Guianas, o Paraguai e o Brasil, mas sua ocorrência não é contínua ao longo de toda esta área (Oliveira, 1994). A espécie é considerada em perigo no Estado de São Paulo, por apresentar risco de extinção em um futuro próximo, em consequência de alterações ambientais, redução populacional ou diminuição da área de distribuição em um intervalo pequeno de tempo (dez anos ou três gerações). No Brasil, a espécie é considerada vulnerável. Pouco se sabe sobre a ecologia desta espécie, considerada principalmente (se não exclusivamente) habitante de florestas. Um animal estudado em Belize tinha uma área de uso de 10.95 km<sup>2</sup> (Konecny, 1989, *apud* Oliveira, 1994). Como outras espécies exclusivamente florestais e ameaçadas de extinção presentes no contínuo ecológico de Parapiacaba, a proteção das Unidades de Conservação pode ser suficiente para assegurar a sobrevivência desta espécie na área a médio prazo, caso não se intensifiquem as pressões negativas sobre a área.

*Tapirus terrestris* - A anta ocorre em uma pequena área no norte da Argentina, em todo o Paraguai, na região de chaco da Bolívia, nas porções amazônicas da Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Guiana Francesa, Suriname, em quase toda a Venezuela e no Brasil inteiro com exceção de uma pequena faixa do sul do Rio Grande do Sul (Padilla e Dowler, 1994). É considerada vulnerável pela IUCN pelos critérios A2cd+3cd+4cd, ou seja, enfrenta um alto risco de extinção na natureza devido a uma redução populacional observada, estimada, inferida ou suspeitada de mais de 30% nos últimos dez anos ou três gerações, onde a redução ou suas causas podem não ter cessado ou podem não ser entendidas ou podem ser irreversíveis, devido a um declínio na área de ocupação, extensão da ocorrência e/ou qualidade de habitat e níveis reais ou potenciais de exploração; uma redução populacional, projetada ou que se suspeita que venha a ser alcançada, de mais de 30% nos próximos dez anos ou três gerações, onde a redução ou suas causas podem não ter cessado ou podem não ser entendidas ou podem ser irreversíveis, devido a um declínio na área de ocupação, extensão da ocorrência e/ou qualidade de habitat e níveis reais ou potenciais de exploração; e uma redução populacional observada, estimada, inferida, projetada ou que suspeita que venha a ser alcançada, de mais de 30% em qualquer período de dez anos ou três gerações (até um máximo de 100 anos no



---

futuro), onde a redução ou suas causas podem não ter cessado ou podem não ser entendidas ou podem ser irreversíveis, devido a um declínio na área de ocupação, extensão da ocorrência e/ou qualidade de habitat e níveis reais ou potenciais de exploração.

*Pecari tajacu* - Considerado vulnerável no Estado de São Paulo, o cateto ocorre nas três Américas, do sudoeste dos Estados Unidos ao norte da Argentina. No Brasil, ocorre no país inteiro (Emmons e Feer, 1990). É uma das espécies preferidas por caçadores, mas dados sobre o efeito da caça e da perda de habitat sobre esta espécie são contraditórios. O cateto pode se tornar raro em áreas povoadas (Emmons e Feer, 1990).

*Tayassu pecari* - A espécie ocorre do México ao Sul da Argentina (Emmons e Feer, 1990). É uma espécie muito caçada e muito suscetível aos efeitos adversos da caça sobre suas populações, sendo praticamente ausente de locais onde ocorre caça intensiva (Cullen Jr. et al., 2000). No Estado de São Paulo, a espécie é considerada em perigo de extinção. A queixada pode ocorrer em imensos grupos de 50 a 300 indivíduos, mas em áreas de onde parece estar desaparecendo os grupos são menores, com cerca de dez animais (Emmons e Feer, 1990).

*Mazama bororo* - O veado-bororó ou veado-vermelho foi descrito recentemente, sendo endêmico da Mata Atlântica e de ocorrência restrita ao Vale do Ribeira e Alto Paranapanema, leste do Paraná e leste de Santa Catarina (Rossi, 2000; Vogliotti, 2003; Miretzki, 2005). A UICN considera que não existem dados suficientes para afirmar se a espécie corre risco de extinção (categoria DD).

*Mazama gouazoubira* - Encontrado na América do Sul, a leste dos Andes, da Colômbia e Venezuela até o Uruguai, norte da Argentina e todo o Brasil, além de uma única Ilha no Panamá (Emmons e Feer, 1990), o veado-catingueiro não é comum, apesar de amplamente distribuído. A espécie se inclui na categoria DD da UICN.

*Mazama americana* - O veado-mateiro ocorre do sul do México ao norte da Argentina. É intensivamente caçado, o que o torna escasso em algumas áreas (Emmons e Feer, 1990, Cullen Jr. et al., 2000). Como as duas outras espécies de veados, é incluído pela UICN na categoria DD.

*Cuniculus paca* - Esta espécie é amplamente distribuída do México ao nordeste da Argentina e Paraguai, incluindo quase todo o Brasil, com exceção de pequenas porções do Nordeste e do Rio Grande do Sul. São associadas a florestas e à água (Redford e Eisenberg, 1999). No PECB, são caçadas na Base do Turvinho (Pianca, 2004). A espécie está incluída na categoria vulnerável de ameaça no Estado de São Paulo.

*Dasyprocta azarae* - Esta cutia é encontrada do centro-leste e sul do Brasil até o leste do Paraguai e o nordeste da Argentina (Redford e Eisenberg, 1999). É considerada vulnerável no Estado de São Paulo e pela UICN, pelos critérios A1cd: redução no tamanho da população observada, estimada, inferida ou suspeita de ser maior ou igual a 50% durante os últimos 10 anos ou três gerações, devida a um declínio na área de ocupação, na extensão de ocorrência e/ou na qualidade do habitat e em níveis reais ou potenciais de exploração, onde as causas da redução sejam claramente reversíveis e entendidas. Cutias são cinegéticas, mas na região do Parque Estadual do Morro do Diabo sua população não se reduziu com pressão crescente de caça (Cullen Jr. et al., 2000).

*Dasyprocta agouti* - Esta espécie, endêmica da Mata Atlântica, ocorre entre o sudeste de São Paulo e o leste de Pernambuco (Miretzki, 2005). Não está ameaçada de extinção.

